
[Texto Anterior](#) | [Próximo Texto](#) | [Índice](#)

GUSTAVO FRANCO

Mercado e rentismo

NUNCA FOI muito popular no Brasil a idéia de que o mercado é a instituição central da economia capitalista. O liberalismo é tradicionalmente tomado como uma "idéia fora do lugar", para usar uma expressão consagrada, a qual, curiosamente, não vem de diagnósticos econômicos sobre o país, passados e presentes, mas da leitura crítica de Machado de Assis. Com efeito, o Brasil Império era tudo menos liberal, a começar pela escravidão, mas também, e principalmente, pelo fato de assinalar o apogeu do "rentismo".

O "rentismo", com efeito, é uma doença antiga, e sua adequada compreensão enfrenta algumas dificuldades terminológicas importantes.

Há pelo menos dois tipos de "rentistas", o mais conhecido é o sujeito que faz poupança e que "vive de rendas". Por vezes é chamado de inútil, seja por Raymundo Faoro, no contexto da galeria de personagens machadianos, seja por John Maynard Keynes, no contexto de uma economia com excesso de poupança.

O fato é que, ainda que passivo e preguiçoso, esse "rentista" do primeiro tipo põe suas poupanças em movimento e, dessa forma, financia o governo, comprando seus títulos, ou quem quer que ofereça produtos financeiros no mercado de capitais.

O "rentista" do tipo "B", este, sim, é um perigo ambulante. É o que modernamente chamamos de "rent seeker", ou pessoa física ou jurídica que atua junto ao governo para que este crie, via tributos, subsídios ou medidas regulatórias, rendas especiais, ditas de monopólio, ou artificiais, que se distribuem pelos participantes dessa "cadeia produtiva do privilégio". O rentista do tipo B pode ser encontrado junto a atividades conhecidas como "política industrial".

Quando David Ricardo primeiro tratou desse rentismo do

tipo B, pensou em rendas decorrentes da propriedade de uma mercadoria muito escassa, terra de boa qualidade na Inglaterra. Não pensou em privilégio, tampouco em nada indecoroso. Mas o fato é que, no Brasil, essa modalidade de rentismo, que tem tudo de indecorosa, foi a que prosperou. Quando o Estado produz muitos privilégios de forma intencional, e mesmo com boas intenções, o que se passa é que muitos recursos serão utilizados para a criação e a defesa de rendas decorrentes de privilégios, em detrimento do uso desses mesmos recursos, e talentos, para a criação de empresas e de empregos.

Nesse contexto, a alocação de recursos através de mercados, impessoais e horizontais, é subversiva. Para usar outra imagem consagrada, o privilégio é a "casa", e o mercado é a "rua".

gh.franco@uol.com.br

GUSTAVO FRANCO escreve aos sábados nesta coluna.

Texto Anterior: [Rio de Janeiro - Ruy Castro: Gato com estrela](#)

Próximo Texto: [Frases](#)

[Índice](#)